



**PROJETO TERRA DOCE  
– O SABER VICEJANTE E O FRUTO ENCANTADO**

**PROYECTO TIERRA DULCE  
– EL CONOCIMIENTO FLORECIENTE Y LA FRUTA ENCANTADA**

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1984317815012019050>

**Isabela Nascimento Frade**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[isabelafrade@gmail.com](mailto:isabelafrade@gmail.com)

**RESUMO**

O artigo apresenta perspectivas da arte pública relacional em obra constituída de experiências compartilhadas entre artistas pesquisadore e moradores da comunidade Mangueira, Rio de Janeiro, em torno de um trabalho comum, o projeto Terra Doce. Reflete-se sobre seus aspectos estéticos e éticos no enfrentamento da condição macropolítica da cidade, metrópole subjugada pela violência e mantida sob o signo da espetacularização exótica. O processo em pesquisa-ação se consolidou na produção do espaço de lazer *Jardim da Tia Neuma*, nascido no esforço de limpeza de um depósito de lixo, quando escadarias da Rua Icaraí e seus canteiros serviram para uma “ocupação” de artistas e educadores. A presença de sujeitos de dentro e fora da comunidade, em troca ativa, desdobrou-se em delicadas partilhas. Destaca-se a mostra *Acervo*, constituída a partir de objetos que, recolhidos no capinar e arar a terra, revelaram memórias perdidas. A partir das formas e materialidades encontradas, desenvolve-se um arquivo das memórias e narrativas correlatas, como as que explicam o furto de plantas como forma de vivência encantada. Conclui-se ao pensar a arte em sua forma instável, ressignificada pelo distanciamento da fixidez crítica e formal, disposta na produção vívida e reverberante da esfera pública.

**Palavras chave:** Arte. Natureza. Ciência Popular. Trocas Interculturais. Espaços Comunitários.

**RESUMEN**

En ese artículo se describen experiencias compartidas entre artistas investigadores y residentes de la comunidad Mangueira, en Río de Janeiro, Brasil, en torno a un trabajo común: la producción del espacio de ocio *Jardim da Tia Neuma*. El análisis de sus aspectos estéticos y éticos refleja la condición macro política experimentada en la ciudad capturada bajo el signo del espectáculo. Nacido por el esfuerzo de limpieza de un vertedero de basura, en algunos de los pasos de la calle Icaraí, en Mangueira, sirven a una "ocupación" de artistas y educadores. La presencia de personas dentro y fuera de la comunidad en producción común, desarrollada en delicados trabajos de intercambio. Entre estos, destacamos la muestra *Acervo*. En la exposición, plántulas y semillas son motivadores para la aproximación y negociación. Los conocimientos tradicionales de hierbas medicinales y culinaria se mezclan con el conocimiento académico en el arte y la botánica. En la colección *Acervo*, se organizan un conjunto de formas recogidas en el arar la tierra del jardín, cuando se revelaron como memorias perdidas. Están registrados, también, la confiscación y robo de plantas como una forma de experiencia encantada y, incluso, como forma de vivir la incorporación del trabajo.

**Palabras clave:** Arte. Naturaleza. Ciencia Popular. Intercambios Culturales. Espacios Comunitarios



## **Introdução - a Terra como espaço comum**

*Parece que s. é possível habitar o que se constrói.*

*Heidegger*

O presente artigo reflete sobre ações continuadas no âmbito de um projeto acadêmico, *Projeto Terra Doce*, desenvolvido desde 2010, quando iniciamos investigação com a comunidade feminina em Mangueira, próxima ao campus Maracanã da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde trabalhamos. Desde então, são inúmeras as intervenções que se produziram através do jogo relacional entre acadêmicos e moradores. O contexto referido é demarcado pelas políticas de segurança da cidade, que foram implementadas devido às sucessivas programações turísticas, especialmente as de caráter esportivo: a cidade sediou, em 2014 a Copa do Mundo de Futebol e, em 2016, a Olimpíada. Esse período marcou o tempo de intensas ações diretas de reformulação dos espaços urbanos, com remoções de grandes contingentes de pessoas, chegando a intervenções militares nas comunidades nos períodos dos eventos. Essas soluções de controle afetaram a paisagem física e emocional de todo o conjunto populacional. Como um palco para apresentações espetaculares, nossa cidade vem sofrendo com seguidos planos urbanos exploratórios de toda a ordem, sendo desprezadas as formas de sociabilidade vigentes. Além desse contexto local, o país, a partir de 2014, foi abalado por uma continuada crise política sem precedentes, influenciando na quebra econômica que o abateu e que se agrava ano a ano. Pode-se dizer que o Brasil vive hoje um período convulsionado, de grandes incertezas. Nosso exercício de ação comunitária permite-nos testemunhar os reflexos dessa crise pelo aumento da violência e da insegurança, esgarçando os laços sociais entre os cariocas. Estaremos, portanto, refletindo a partir do interior de um cenário que o mundo hoje observa com atenção, mas que não pode perceber em seu âmago, sendo apenas acessível em fragmentos colhidos do exterior.

No momento desta análise, a experiência da arte relacional como princípio de criação deste projeto de arte, resulta no envolvimento interpessoal, criando novos modos de presença. Há um jardim sendo produzido coletivamente desde então, exercitam-se os corpos dos pesquisadores na prática da jardinagem. Sendo esse um esforço desenvolvido em uma área pública, na Rua Icaraí, no morro da Mangueira que, em sua condição de troca implícita, exige, então, que o processo seja refletido em sua dimensão de obra relacional de arte pública.



A produção contínua de um contato com os moradores e passantes busca envolver para a ação conjunta. Deste modo, o processo implica todos os sujeitos que provocam movimento na comunidade envolvida. Há o policial que acaba de chegar e que caminha sempre em grupo, há o tráfico que nunca é visto mas está sempre presente em vigilância indireta, e há o grupo de meninos que desce o morro saltitante e pisando na erva, alegres, e os vizinhos que se dividem em entusiasmo, indiferença ou áspera oposição. Estamos expostos também ao sol, à chuva, aos mosquitos, ao lixo, aos cães, gatos e ratos, que passeiam livres pelos becos e canteiros. Existe uma constelação de formas atratoras e outras repulsivas, muitas delas atingem esse conjunto de forças e, regularmente, se colocam como elementos para a reflexão sobre cada etapa vivida.

Escolheu-se considerar elementos da pesquisa que servem como obstáculos para analisá-los mais atentamente, como é o caso dos furtos eventuais de mudas e objetos do Jardim da Tia Neuma. Essas eventuais ocorrências poderiam ser vistas como fatos sem sentido, ou meras agressões. Mas cabe interpretar, pouco a pouco, exatamente pela cultura da jardinagem, que a equipe aprende de forma interativa, e também pela conversa entre vizinhos, sejam as fofocas e as críticas, as lamentações ou os elogios, sob uma nova perspectiva. Todos esses elementos dos intercâmbios e conversas, examinados na escuta imprescindível para que sejam enquadrados em notas reflexivas a partir de outros contextos, como se deu no caso do furto das plantas.

É preciso notar esse detalhe essencial: os mangueirenses adoram "bater papo", aproveitando a companhia do outro, em deleite de estar junto. Esse hábito de cultivo primoroso, a disposição para a conversa, o prazer por esse momento de livre aproximação favoreceu o processo de trocas entre a equipe de pesquisadores e moradores. É bom notar a simpatia e a generosidade na recepção, pois essa disposição afetiva na atenção e cuidado com a fala na coletividade que confirma, nesse sentido, a dita condição de comunidade. Há uma preocupação em saber do outro, de escuta, no ânimo de vibrar em consonância. Desse modo, "um papo" é uma ocasião para uma escuta animada a entender o sentido da vida cotidiana no morro da Mangueira. Foi uma estratégia importante: o modo menos controlado de produzir o material etnográfico travado nos diálogos abertos, um processo investigativo sugerido por Humberto Maturana (2004) ao assumir a conversa como um modelo sócio construtor elementar.



Fig. 1- As plataformas medianas da escadaria da Rua Icarai vistas do alto da Creche Escola Nação Mangueirense: no momento, o final da capinagem, a terra revolvida, na esperança de novas florações. Algumas interferências de arte grafite foram feitas nos muros laterais por equipe de artistas na ativação do lugar como um campo de relações vitalizantes.



Fonte: arquivo da pesquisa

A segunda linha de reflexão se dá através dos objetos encontrados durante a escavação e no plantio das mudas. Se, anteriormente, esse espaço era o depósito de lixo dos moradores, ao retirarmos o lixo e revolvermos a terra, descobrimos elementos significativos em uma espécie de arqueologia do contemporâneo. A ordenação de cada uma das coisas, colocadas então em relação às demais encontradas, produziram determinadas sequências, conjuntos, séries. Indagando sobre essas evidências e, mesmo que a princípio, agindo de modo intuitivo, seguiu-



se constatando que eram potenciais narradores, e seguiam compondo uma "história do lugar". Aliás, mais que isso, os objetos começavam a ser dispositivos das trocas, motivando as primeiras narrativas colhidas. A partir dos objetos narrados, produziu-se um acervo e, posteriormente, uma mostra de arte, considerando que o exercício de retirada destes objetos de seu contexto original implicava em conceder acento expressivo a cada um deles. A mostra de arte *Acervo* foi objeto de reflexão central em artigo: *Acervo: experiências afetivas e materialidades do lugar* (FRADE, 2013). Cabe considerar que o objeto central das reflexões neste momento é a apropriação do espaço ajardinado no convívio e dos furtos frequentes de mudas.

Entre largados, achados e roubados, começamos a perceber novos modos de lidar com a nossa produção do jardim. A frustração com o roubo ou com a destruição, foram integrados ao quadro dos elementos agenciadores e dispositivos relacionais. Implicavam no sentido que a terra daquele jardim era um elemento nem sempre aceito, e que negá-la poderia significar certos modos de viver que eram reprimidos, ou não percebidos por nós, pesquisadores. Começamos a suspeitar que a visão da terra como o espaço compartilhado era apenas um desejo nosso. E, na medida em que usávamos a metáfora da terra para falar no planeta, refletimos sobre essa condição da favela, que pratica um modo de habitar particularmente criativo, explorando novos desdobramentos da pesquisa. Há, então, o sentido maior de concentrarmo-nos nessa micropolítica das relações, revelando seus modos e suas inflexões a partir do elemento estranho na comunidade – nós, os artistas pesquisadores – e analisar as formas de ocupação do espaço vivenciadas concretamente. Há uma outra lógica que viceja nas comunidades cariocas e, em especial, na Mangueira - e que está para aquém do que aparece no espetáculo visual oferecido, vínculos que se dão a perceber a longo do tempo, pois que nascem do cotidiano e elaborados na confiança, que vibram de afeto em personalidade singular e que buscamos movimentar em situação interpelativa, questionadora e provocadora. Convidamos o leitor a riscar o plano externo, constituído pelo olhar distante e estrangeiro, e seguir conosco sob a membrana de opacidades dos juízos forâneos, adensando essa leitura.

## **1 (In)visibilidades - encontrando narrativas subterrâneas**

*As relações essenciais não se deixam, contudo,  
representar adequadamente através do esquema meio-fim.*

*Heidegger*



Ao tratar das questões da pesquisa, especialmente em se tratando de uma pesquisa-ação, ou seja, na intervenção direta dentro do campo de observação, não se pode ter a objetividade como princípio único do trabalho. Será necessário admitir outras condicionantes para a leitura dessas subjetividades arroladas. Uma imersão nos impõe o comprometimento integral, nossos afetos estão, portanto, indissoluvelmente dispostos, assim como arregimentam, como catalizadores, os demais sujeitos, envolvidos como um conjunto de enovelamentos sensíveis. Trabalhar em conjunto é contar com a disposição de muitos relacionamentos e, nesse sentido, é exatamente esse vínculo de espera, na comunicação e engajamento, que a forma da arte se elabora.

O modo relacional de criação se inscreve sobre os agenciamentos dos sujeitos e elementos no espaço vivo das comunicações. É arte viva, instável, efêmera. Contempla os instantes das interações e de seus fluxos, podendo ser apreciada como uma imagem fluida, em movimento.

Uma representação é apenas um momento  $M$  do real; toda imagem é um momento, assim como qualquer ponto no espaço é a lembrança de um tempo  $x$ , bem como o reflexo de um espaço  $y$ . Essa temporalidade é parada? Ou, pelo contrário, produz potencialidades? O que é uma imagem que não contém nenhum futuro, nenhuma "possibilidade de vida", senão uma imagem morta? (BOURRIAUD, 2009, p. 112)



Fig.2 - Mangueira vista a partir de uma das janelas do Instituto de Artes da UERJ. A mancha verde central é uma área de preservação no interior de uma empresa governamental, fechada aos moradores. No segundo plano, observa-se a obra de um centro habitacional do programa oficial PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) que ocupou um campo de futebol, considerado pelo plano urbanístico como supérfluo o ócio e o lazer comunitários. Desconhecem que ali aconteciam a festa junina, muitos campeonatos de futebol, churrascos e muito pagode.



Fonte: arquivo da pesquisa.

Representados em 2 eixos,  $x$  (tempo) e  $y$  (espaço) se fazem como vetores por onde a leitura da obra pode ser percebida e, de certo modo, medida. Seus dados podem bem ser apenas alguns pontos no gráfico ou uma linha, inteira ou segmentada, que se demarca como um movimento pelo traçado que integra  $x$  e  $y$ , de modo interrompido ou contínuo. Mas, que sentido pode haver essa demarcação se ela apenas mede sua durabilidade física, e se estamos intencionando tocar nas sensibilidades e constituir aí, na intangibilidade e invisibilidade das relações, a forma propriamente dita? Ainda segundo Bourriaud (2009), "a realidade é aquilo que eu posso comentar com outrem. Ela se define apenas como um produto de negociação" (p.112).



Como, no entanto, se pode falar em uma realidade íntima, pessoal? Em que modo a repercussão dos acontecimentos, os ecos das coisas em cada pessoa podem fazer sentido? O que nos impediria de estender a dimensão do real até os recônditos emocionantes de cada sujeito no mundo? Qual a linha limítrofe entre a realidade e cada subjetividade emocionante? Se a realidade é o que cada grupo constitui como "seu mundo" ou "sua terra", ela é constituída de substratos internos, de camadas mais fundas, invisíveis aos moldes racionalistas que exigem medida e cálculo. Nesses espaços subterrâneos, conformado como rede de cavernas que se fazem elo em sistemas individuais ou coletivos, se produzem lugares onde somente a imaginação pode penetrar (BACHELARD, 1998).

## **2 As formas naturais e as forças mágicas:**

*Construir já é em si mesmo habitar.*

*Heidegger*

O espaço é a dimensão onde o tempo inscreve suas formas. Estado no qual podemos senti-lo materialmente, sensivelmente. Calcular sua passagem é diferente de perceber suas determinações.

Como passar o tempo? Falar com uma pedra ou escavar um espírito? Cavando uma pedra fala-se ao espírito? (...)Seria de novo então o problema do espaço? É dentro de um espaço que se recolhe o valor do tempo; as memórias do tempo; o espaço pode ser o vazio entre a unha e a carne, vazio que se enche de terra. (PENONE apud DIDI-HUBERMAN, 2009, p. 64).

O trabalho de jardinagem trouxe essa condição à pesquisa. Foi a estratégia encontrada para que pudéssemos estar ali, presentes, ativos, mexendo em um lugar que não nos pertencia. Serviu como pretexto para uma integração com a comunidade local sem ferir suscetibilidades, sem





levantar suspeitas sobre nossas intenções. Em um contexto de extremada violência, de uma comunidade que vive subjugada pela "lei do silêncio", fazer entrevistas do modo convencional significaria trazer em risco a nossa integridade. Esse era um estado que nos permitia a expressão de nosso maior objetivo, que é o de contribuir para a melhoria nas condições da vida social no lugar; estarmos ativos sem interferir diretamente, nos deixando à vontade para uma aproximação progressiva com as pessoas, de modo a acolher suas opiniões e desejos. No entanto, o jardim foi tomando corpo e se fazendo cada vez mais necessário. A jardinagem foi se tornando um exercício poético, nos envolvendo mais e mais, fazendo-se no processo, obra protagonista.

Talvez a culpa tenha sido das flores que começaram a brotar tão logo o capinar teve início. Fomos percebendo que havia já uma espécie de jardim oculto, uma série de plantas que estavam florescendo no meio do "mato". Ou das crianças que apareciam em bandos e que se divertiam *à beça* com as nossas trapalhadas: - "Moça, você já trabalhou com enxada alguma vez?". - "Por que vocês estão aqui? Vocês nem sabem fazer isso..." E, então, contamos que queríamos fazer dali um espaço de encontro, de trocas, e que o jardim nos parecera ser um bom começo. Por isso a retirada do lixo e do entulho, para que a terra pudesse aparecer.

Começar a interação pelas crianças foi uma exigência das sociabilidades da favela. Muitas andam soltas, buscando aventuras e brincadeiras, mas sempre sob intenso cuidado. São fonte de preocupação comunal pelo risco que correm diante da violência urbana. Se engajaram com alegria e compuseram uma parte importante no processo. Trouxeram uma alegria intensa, mas também conflitos graves, que espelhavam as duras relações vividas na comunidade.

Os índices de mortalidade infantil por agressão são altos no Rio de Janeiro, indicando uma lógica perversa: são muitos meninos mortos nas favelas cariocas pelo tráfico, mas, também, pela polícia. Vivem em condições drásticas em ambientes extremamente violentos. Há índices de seu percentual nos jornais, mas observamos como são vivenciados no interior das favelas: há um cuidado extremado, muitas crianças não podem sair e nem mesmo chegar próximo à janela. Além disso, segundo a equipe pedagógica da Creche Nação Mangueirense, parceira nesse projeto, as agressões familiares são constantes, requerendo intervenção direta do poder público na figura de um "conselheiro comunitário". É difícil medir essas intensidades vividas pelas crianças que prezavam, contudo, sua liberdade. Muitas vezes, trazem seus brinquedos para exibir talento e energia. A descoberta do jogo com os gafanhotos foi uma das mais cativantes, ainda que de forma letal para os insetos. Consistia em arrancar as suas pernas mais longas e fazendo, segundo elas, do bichinho, um amigo. - "Agora eu vou cuidar dele, tia."



Detalhe significativo e traço superado de uma relação intergeracional evitado pela pedagogia moderna, o apelido "tia, ali, é bastante comum: implica um certo grau de íntima familiaridade para as relações entre crianças e mulheres sem parentesco, unidas por atividades regulares, ou não, onde as crianças denotam respeito e afetividade. Pois, essas crianças mostravam a memória viva dessa relação familiar ampliada, o parentesco inexistente, remetendo ao coletivo emocional, e faziam competições de corrida entre os pobres gafanhotos, e os aninhavam nas mãozinhas suadas. Entretanto, consideramos significativo o fato de que nunca tivessem visto uma minhoca. Revelamos, então, a eles, as potências do subsolo ao falarmos nas raízes e nas camadas vivas da terra.

Seguidamente, plantamos rosas, e cravos, hibiscos, e muitas outras plantas que, no entanto, logo desapareciam. Eram roubadas ou mortas. Muitas apareceram pisoteadas ou arrancadas. Ao começo, era um grande aborrecimento, pois o trabalho era duro e as frustrações se seguiam na incompletude perene do trabalho. Tomávamos cuidado com esse plantio, às vezes, deixando o capim esconder as mudas para que pudessem "vingar" e crescer. Mas, logo eram descobertas e pilhadas.

Foram seguidas as frustrações até que, após um período de chuva muito forte, no intenso calor de verão, a plantação explodiu de modo intenso, virando "um mato", como acostumamos a falar dos arbustos fechados, informes. Ao passearmos no jardim com uma moradora, ela logo vibra: - "Nossa, essa é planta da Guiné!" A planta, uma *Petiveria alliacea*, nascia por dentro de um bueiro, de um verde intenso, profundo, suas folhas alongadas possuindo curiosos talos finamente floridos, muito delicados e compridos. A moça disse que não poderia sair dali sem dar um jeito de arrancar a planta: - "Essa planta é muito boa, eu preciso levar."

Por outra ocasião, em novo capinar, tentamos, em vão, retirar um arbusto muito feio, espinhento, urticante, que teimava em crescer próximo à roseira. O arbusto cresceu muito, ficando como uma pequena árvore, e decidimos nos munir de ferramenta robusta para a sua extração. A reação de um passageiro foi rápida: "- Olha isso aqui é Jurubeba (*Solanum paniculatum*) planta milagrosa, você não pode matar." Depois da pergunta para que servia, entendemos que "Serve para tudo"; mas, com muito insistência, nos contou que era benéfica, principalmente usada como tônico revigorante, de uso masculino. Dela, fazem infusões, conhecidas como "garrafadas". Por ampla divulgação na internet, ficamos sabendo que a Jurubeba é recomendada para males do fígado. A indicação que nosso informante nos trazia era uma informação que ainda não conhecíamos em fonte científica, mas a sabedoria popular tem um lugar seguro na Mangueira. Há uma série de tratamentos de saúde indicados para muitos



males: dor de cabeça, má digestão, diabetes e até mesmo câncer. A fitoterapia apresentou-se como um modo de cura praticado, especialmente, pelas mulheres maduras e largamente respeitada.

Percebendo que ali se poderia estabelecer um jogo de trocas, introduzimos plantas de cunho místico no platô de entrada da escadaria, para servir com um campo mágico, "quebrando energias negativas". Na semana seguinte, estavam todas arrancadas e espalhadas pelos cantos, em declarada recusa. Essas eram as popularmente conhecidas "Espada de São Jorge", *Sansevieria trifasciata*, usadas como elemento mágico para evitar o "mau olhado", os malefícios provocados pela inveja. Ensaíamos outro plantio, um pouco mais acima, em outro terreno, na frente da creche-escola. Elas ainda estão lá. Descobrimos, em nossas conversas, essa que é uma planta trazida da África, e utilizadas em cultos religiosos, assim como a "Planta-da-Guiné", essa que, no entanto, fez o percurso contrário, tendo sido levada do Brasil para a África. A Guiné serve para "o descarrego", banho de purificação e limpeza espiritual. A Espada de São Jorge serve como planta de proteção e é dedicada a um orixá (divindade) "de entrada", "Exu", uma espécie de *trickster* muito poderoso nas religiões afro-brasileiras do Candomblé e Umbanda.

Também na porta da creche, no estreito jardim que plantamos em sua entrada, ao longo da fachada da edificação, sobreviveu a "Planta da Felicidade" (*Polyscias fruticosa*), um arbusto de folhas miúdas, ponteadas, de verde intenso, com caules moles, de difícil sustentação; delas descobrimos, pelas conversas constantes, que tem "sexo", podendo ser do tipo "macho" ou "fêmea". Na escola, apenas a muda da planta da felicidade vingou, graças aos cuidados de Sandra, a cozinheira, que cuidava pessoalmente dela. A mudinha, uma "fêmea", que chegou na Rua Icaraí, era retirada de uma matriz cultivada por uma das pessoas da equipe de pesquisadores; foi quando nos descobrimos misturados, cientistas, educadores, artistas à comunidade, através do culto às plantas. Começamos a rememorar nossas relações, a fabular, a buscar referências em canções infantis, contos de fada, lendas indígenas, o jogo com a plantas começou a toma espaço e a nos comprometer de outro modo, renovando, mais uma vez, o projeto.



Fig. 3 - A Arruda (*Ruta graveolens*) é uma planta sensível de forte odor fresco e ácido. Não conseguimos cultivá-la no jardim porque é muito sensível e sempre era roubada. Há muitos diálogos na mostrando a sua popularidade. Tira mau olhado e "quebranto". Nesta imagem, a planta mostra sinais de "sofrimento" que, segundo comentários, denota a proteção dada à própria pessoas, alvo de intriga ou inveja.



Fonte: Arquivo da pesquisa.



São muitas as tradições culturais que envolvem o cultivo das ervas medicinais no Brasil. Há ainda as plantas alucinógenas, outras de proteção. Em uma sociedade multicultural como a nossa, cruzamos referências entre povos indígenas, afrodescendentes, europeus e asiáticos em um processo rico de referências. A Planta da Felicidade, nos contam, veio do Japão. Não temos lastro científico dessa informação. Seria a referência oriental um toque de sedução, de encantamento? Uma "tradição inventada"?

Observamos que estamos envolvidos em uma mística globalizada, estereotipada, quando muitos novos "ritos da terra" se criaram e foram disseminados no *New Age* dos anos 70, e ainda hoje pelas redes sociais, pela internet se divulgam "os novos ritos mágicos". O mundo vegetal é integrado ao imaginário social revivificado por esse movimento, identificado como "reino dos duendes e das fadas". Por outro lado, identificamos fortes tradições populares, de cunho regional que ainda possam não ser exatamente locais, remontam a raízes milenares, referências que vigoram nessas manipulações mágicas das plantas na Mangueira. No processo, notamos o silêncio quanto a muitas dessas práticas: há um interdito sobre as práticas mágicas que torna difícil o acesso a esses conhecimentos. Podem ser facilmente julgadas como malfeitos, coisa de feitiçaria.

Ao analisar as falas e as ocorrências registradas, consideramos identificados o furto e a destruição no espaço de cultivo como atos mágicos. Nesse âmbito, a reiteração, o segredo, foram marcas inteligíveis, a partir dos escritos de Mauss (2003).

O rito mágico, (...) embora seja às vezes fatalmente periódico, (é o caso da magia agrícola), ou necessário, quando feita em vista certos fins (de uma cura, por exemplo), é sempre considerado como irregular, anormal e, pelo menos, pouco estimável. (p. 60).

É como se o mundo mágico fosse um outro mundo, um espaço contíguo, paralelo, através do qual os objetos e seres adquirem poder de alterar as relações ordinárias entre os elementos comuns. A magia, segundo Mauss (Op. cit.), é objeto de uma crença coletiva, unânime. As práticas mágicas, sendo assim, nos colocam em contato direto com os sentimentos de todo um grupo e apresentam para nós, observadores, uma forma invisível, um estado de ânimo, uma disposição para a manipulação `a distância, através de agências extrahumanas, concedendo liberdade sobre a condição habitual.



Fig. 4 - Aqui, experimentamos o jogo dos "feijões mágicos", envolvendo crianças da creche local na transformação vivida pela germinação das sementes.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Ainda que não se possa creditar a esses atos o estatuto de "verdade" especialmente no campo científico, pois são imateriais, formas sutis do discernimento de alguns poucos, constituem uma condição compartilhada, produzindo, animadamente, uma realidade renovada. Tocamos no terreno das crenças e comportamento implícitos e, como aconselhou Geertz (1989) sobre as determinações culturais a serem apreendidas, é importante saber que quem está dentro, no interior do modo cultural observado, tem um entendimento outro, próprio, que só um longo exercício de observação, capaz de produzir uma "descrição densa", poderá dele se aproximar.

Outro antropólogo, o mexicano Glockner (2016), debate, de forma contundente, o racionalismo acadêmico, afirmando as tessituras do real como conformação delicada entre as dimensões do que é perceptível e do que é imaginado. Ao estudar as plantas alucinógenas do mundo ameríndio, elemento sagrado no interior de várias culturas, ainda que espacialmente e temporalmente distintas, nos alerta que



La sociedad tradicional (...) tiene una noción más amplia de lo real, que comprende tanto lo objetivo como lo imaginário. El mundo de los sueños o las visiones esteogénicas no son menos reales que el mundo de la vigilia, y lo que ahí ocurre es tan decisivo, o más, que lo que sucede estando despierto tanto a plena luz del día (p. 326).

Entendemos que objetividade e a subjetividade são processos integrados, que conformam uma realidade composta. E, ainda, que em entre corpos sociais eminentemente coletivizados, em uma comunidade como a Mangueira por exemplo, onde a subjetividade tem uma dimensão não apenas individual, mas coletiva, sujeito e grupo são quase indiscerníveis. O entendimento sobre os fatos, enquanto complexidades delicadas: acontecimentos que nascem em redes intrincadas de saberes e fazeres, de arte e ciência, de tradições ou até mesmo de informações estereotipadas advindas das mídias eletrônicas, sempre ressignificadas e elaboradas em assimilação. A partir do olhar sobre o que ocorria nas plataformas da escadaria como não apenas agressão, mas, sobretudo, de encantamento, nossos gestos na arte se estabeleceram como frutos encantados, ao incorporar sortilégios e práticas de magia. As formas relacionais se estenderam aos espaços das crenças, ao transformarmos as perdas em conhecimentos sobre o lugar.

### **3 Conclusões instáveis: a obra de arte como forma de habitar o mundo**

*(...) o sentido de habitar, ou seja,  
no sentido de ser e estar sobre a terra,(...)*

*Heidegger*

Carlos Drummond de Andrade, poeta marcante no modernismo brasileiro, viveu a maior parte de sua vida na cidade do Rio de Janeiro, ainda que tenha nascido no interior do estado de Minas Gerais. Cantou, entre tantas experiências cariocas, as melancólicas perdas da cidade que cresceu em habitantes, prédios e negócios e deixou morrer seus espaços verdes dos jardins. No livro *Sentimento do Mundo* (2008), em seu poema *Lembrança do mundo antigo*,



Drummond evoca o tempo e os lugares de ócio perdidos e, com ele, as ocasiões dos encontros, as oportunidades de enlevo:

*Clara passeava no jardim com as crianças.  
O céu era verde sobre o gramado,  
a água era dourada sob as pontes,  
outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,  
o guarda civil sorria, passavam bicicletas,  
a menina pisou a relva para pegar um pássaro,  
o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era tranquilo em redor de Clara.*

*As crianças olhavam para o céu: não era proibido.  
A boca, o nariz, os olhos estavam abertos. Não havia perigo.  
Os perigos que Clara temia eram a gripe, o calor, os insetos.  
Clara tinha medo de perder o bonde das 11 horas,  
Esperava cartas que custavam a chegar,  
Nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava pelo jardim pela manhã!!!  
Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!!!*

Praticar a jardinagem como arte foi uma redescoberta, recuperamos uma prática nascida na antiguidade como estratégia de fuga desse nosso tempo aflito, ansioso e fóbico. Esse é o sentido maior da jardinagem praticada desde há muito nas tradições orientais e ocidentais, antigas ou mais recentes, que ressurgem com força na contemporaneidade.

O Brasil já foi pensando como um jardim, sendo louvado como “o paraíso”, por muitos dos conquistadores europeus. Logo, a dimensão infernal surgia também, pela irracionalidade atribuída aos comportamentos “selvagens”, pelas imputadas concupiscência e ociosidade, pela chocante licenciosidade dos silvícolas. A ética cristã renegou esse território tão logo percebeu a índole nativa. Não teve receios ao se lançar em uma espécie de “nova cruzada” com o intuito de humanizar os bárbaros que aqui viviam, impondo-lhes sua austera civilização como modo correto e justo.

Nossas histórias de violência deveriam começar desde sempre daqui, desse ponto de origem de uma nação imposta por poucos a muitos. Uma expedição sanguinária que ainda não





terminou. Até hoje, nos sentimos colônia, vivendo as consequências dos desmandos do primeiro mundo que, invariavelmente, nos impõe ao escárnio e à veleidade alheia. Estamos sobrevivendo por velarmos esse capricho, por sermos um pedaço de fantasia tropical? O que nos faz subsistir frente à miséria extrema? Esses são alguns dos pensamentos que nos ocorrem ao mexer no lixo, na dor e na pobreza da Mangueira. Um fato importante para pensar a sociabilidade nacional é que o acento “dócil” do brasileiro é revestido de intenções domesticadoras. Há uma selvageria que nos é atribuída e que nos querem arrancar a todo o custo. Refletir sobre isso, a partir das zonas marginalizadas, explicita essa dinâmica de poder que sufoca e aflige aqueles que não correspondem ao ideal moderno de sujeito, que não se apresentam como cidadãos exemplares. Há muita dor soterrada que precisa ser escavada, recolhida e contada. Entendemos ser por isso que hoje, ainda, se discuta a permanência de um programa de segurança pública que objetiva “pacificar” as favelas, contendo seus surtos de violência, normatizando as regras de incorporação do poder governamental, eliminando a projetada barbárie, que o sistema aparenta estancar. Recorremos à prática da jardinagem como tácita incorporação do espírito de convivialidade local que faz, da favela, comunidade. Somos testemunhas do carinho coletivo que faz reconhecer um a um dentre todos, e a envolver em preocupação protetora, estímulo e energia o rico tecido de suas redes afetivas. Ao construirmos o Jardim da Tia Neuma, tocamos nessa condição básica do habitar, buscando tornar esse um abrigo, um esforço especialmente significativo em local duramente ameaçado pelas constantes crises de violência.

Em uma cidade com mais de 16,5 milhões de habitantes<sup>iii</sup>, os problemas se multiplicam em grande desafio de organização urbana. Conhecidas as suas 736 favelas, o Rio de Janeiro contempla políticas de inclusão que, infelizmente, não superam as forças excludentes de uma economia deficitária, manipulada por um capitalismo feroz<sup>iv</sup>. Integrada ao quadro de uma cidade voltada para espetáculos turísticos, a Mangueira é reconhecida por sua escola de samba, famosa por sua bateria dominada pelos estridentes tamborins e sua marcação comandada pelo surdo, tambor grave, que funciona como o coração da bateria (Figura 3). No carnaval, a Mangueira brilha, mas durante todo o resto do ano a vida ali é marcada pela miséria e pela violência. Entre dor e alegria, a comunidade, com cerca de 10.000 moradores, vive cercada por interesses cruéis. O samba mescla esses dois sentimentos, figurando a trágica condição da existência local sem, no entanto, deixar de cantar a beleza da vida.

Enquanto as festas carnavalescas falam de luxo e esplendor, denotam apropriações de memórias da corte demarcadas por gestos e vestimentas (Figura 3). Nascido no seio das comunidades quilombolas, marcantes eixos de resistência na formação da cidade, se compondo



a partir de rituais afrobrasileiros, o samba se revestiu de cor e desfile, na incorporação das carreatas da elite afrancesada (FERREIRA, 2005) e, compondo enredos, fazem das escolas de samba núcleos produtores de narrativas sobre o caráter nacional. Descrevem no samba-enredo situações e biografias de figuras marcantes: artistas, celebridades, heróis, fatos históricos, cenários.

A Mangueira, no entanto, deve ser reconhecida para além do samba. Há muitas experiências que buscamos colher nesse trabalho de investigação que denotam essa dimensão polifônica da cultura mangueirense, recortando múltiplos traços culturais nos espaços que pudemos conviver. Insistimos, como Sísifos telúricos, na reconstrução do jardim. As modalidades do trabalho transpassam os objetivos previstos, pois fomos seduzidos pelo jogo compartilhado. Estamos envolvidos, criamos raízes. As propostas cooptaram novos investigadores de outras áreas e já se compõe um corpo multidisciplinar com a área de educação, saúde, psicologia, botânica, química, comunicação. A ação investigativa se estende e diversifica progressivamente.

Encontramos em Heidegger, no seu inspirador ensaio de 1954, *Construir, Habitar e Pensar*, é o cuidado que cria o lugar. Sem a dimensão desse dedicado construir, não poderíamos habitar a terra. Reversivamente, sem a dimensão do habitar, não faria sentido erguer coisa alguma. Poderíamos ampliar esse pensamento para considerar a dimensão do existir sobre a Terra em seu motivo de estar presente, do “demorar nas coisas” de Heidegger. Criar esse espaçamento verde, um jardim que é exatamente um recanto, espaço cercado, protegido. “A meio caminho entre os dois perigos da natureza e da sociedade, o jardim oferece o asilo desejado”(CAUQUELIN, 2007, p. 63). Considerando que as formas sociais se apresentam como substâncias da cultura (GEERTZ, 1989), são as imanências prementes, vívidas, que buscamos perceber enquanto escuta livre, aberta. Desejaríamos que esse lugar do jardim pudesse oferecer abrigo incondicional (DERRIDA, 2004).



Fig. 5 - A Mangueira foi uma das primeiras escolas de samba cariocas a serem fundadas. Ali no morro nasceram as figuras do Mestre-sala e da Porta-bandeira, assim como a Ala das Baianas, criada pela própria Tia Neuma. Considerada patrimônio cultural da cidade, é simbolizada nas cores verde e rosa. As cores da escola exprimem sentimentos de vívido pertencimento.



Fonte: <<http://cms.defatoonline.com.br/entretenimento/ultimas/17-02-2012/italegria-comeca-nesta-sexta-feira-aosom-da-bateria-da-mangueira>. >

É relevante considerar que Jacques Derrida (2004), na maturidade, desenvolveu sua filosofia abrangendo os reinos não-humanos, engajando-se na defesa dos direitos dos animais. “Em todo o lugar onde uma coisa como “o animal” é nomeada, os pressupostos mais graves, mais resistentes, mais ingênuos também, mais interessados dominam o que se chama de cultura humana”(p. 81). Podemos, assim, pensar nessa excedente crueldade que se debruça sobre o mundo verde, e seus seres, no que chamamos aqui de “ódio à natureza”, como esse sentido mais grave de que fala Derrida, o sítio mais terrível, poço no qual se acumulam nossos piores instintos. As plantas, em seu silêncio, em sua imobilidade, representam os mais fracos, aqueles que nada podem, aos quais só cabe resistir. As plantas mágicas, por sua vez, superam e curam. Muitas chegaram ao Brasil trazidas pela diáspora africana, assim como muitos hábitos e formas de viver (CAMPOS, 2007). São saberes encantatórios quilombolas, indígenas ou europeus que



se misturaram, em configurações sincréticas<sup>v</sup>. E, como experienciamos *in loco*, estão ativas e se tornam dispositivos de poder e de amor.

Nosso Jardim da Tia Neuma sofre também as agruras diárias do medo, da fome, da pressa, da raiva, mas cultiva e recolhe esperança, diversão, entusiasmo. A Mangueira exibe sua condição comunitária ao estabelecer relações de apoio mútuo, de suporte coletivo, sem o qual não seria possível sobreviver em tão difíceis condições. Desse modo, como as forças de enfrentamento advindas do sol forte, da seca, da chuva que arrasa, do lixo, do ódio pela natureza, que é fruto do desafeto sofrido, e de modo mais amplo, pela rejeição sofrida pela cidade que a condena; essa que é a violência mais profunda com a qual nos defrontamos. A essa e às demais, respondem os encantamentos das ervas e dos brinquedos infantis, nossos mais poderosos antídotos.

Fig. 6 - Uma rosa é uma rosa, é uma rosa, diz o poeta. Na verdade, aqui pode implicar em um sortilégio de amor. Descobrimos a magia do verde / rosa no meio do jardim!



Fonte: Arquivo da pesquisa.



## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond. Sentimento do Mundo. São Paulo: Editora Mediafashion, 2008.
- BACHELARD, Gaston. A Água e os Sonhos – ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1998.
- BOURRIAUD, Nicolas. Estética Relacional. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2009.
- CAMPOS, Andreino. Do Quilombo à favela – a produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Editora, 2007.
- CAUQUELIN, Anne. A Invenção da Paisagem. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2007.
- DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. De que amanhã... Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2004.
- PENONE Apud DIDI-HUBERMAN, Georges. Ser Crânio - lugar, contato, pensamento, escultura. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2009.
- FERREIRA, Felipe. Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- FRADE, Isabela. Acervo: experiências afetivas e materialidades do lugar. In: XXII Encontro da Associação de Pesquisadores em Artes Plásticas. Anais: Ecossistemas Estéticos. Belém: Universidade Federal do Pará, 2013, p.3051 - 3065.
- GLOCKNER, Julio. La Mirada Interior. México D.F.: Penguin House, 2016.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. [*Bauen, Wohnen, Denken*] Trad. de Marcia Sá Cavalcante Schuback (1951) confer. ncia pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmastad", publicada em *Vortäge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954.
- MAUSS. Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MATURANA, H. e VERDEN-ZOLLER, G. Amar e Brincar – fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athenas, 2004.
- CAMPOS, A. Do Quilombo à Favela - a produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2005.



---

<sup>i</sup> Nas favelas brasileiras, assim como em muitas comunidades que vivem em condição de risco social, o poder local se impõe com força e exige tácito silenciamento. No caso específico do morro da Mangueira, lugar dominado pelo tráfico, essa obediência é exigida de modo claro. "Se falar, morre". Fomos admoestados inúmeras vezes por estarmos como intrusos em um espaço que tem "dono".

<sup>ii</sup> Guiné é um país da África Ocidental. A referida planta, no entanto, é nativa, sendo integrada a cultos de religiões afrobrasileiras.

<sup>iii</sup> O Rio de Janeiro já foi uma cidade-estado, sendo a capital do país de 1808 - 1960, quando o governo central migrou para Brasília, na região central. Cresceu de modo exponencial devido às sucessivas levadas migratórias de populações nordestinas, chegando hoje a ser considerada como parte de uma megalópole por reunir, ao seu redor, cidades que compõem o complexo Grande Rio.

<sup>iv</sup> Cerca de 22% da população carioca vive nas favelas, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em censo de 2010. In <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias.html?view=noticia&id=1&idnoticia=2508&busca=1&t=censo-2010-mostra-caracteristicas-territoriais-aglomerados-subnormais-suas-diferencas-demais-areas-cidades>

<sup>v</sup> Segundo Campos (2005), (...) "admitir que o espaço quilombola fora transmutado em espaço favelado é incluí-lo no processo maior, ou seja, é admitir que as populações pobres, através de suas apropriações dos espaços periurbanos, ilegais à luz do poder público, participaram da construção do espaço urbano das cidades". (p. 24). Reconhecemos nos resilientes povoamentos, herança dos quilombolas, o núcleo afetual que mantém viva a favela.

**Recebido em 25 de Dezembro de 2017  
Aprovado em 27 de Dezembro de 2018**